



Após 40 anos, o vírus HIV ainda preocupa o mundo

Capitão de Fragata (Md) **Hemerson dos Santos Luz**

Chefe da CCIH do HFA e Assistente do Comandante Logístico do HFA

HIV e AIDS

HIV é a sigla, em inglês, pelo qual o vírus da imunodeficiência humana é conhecido. Deve-se destacar que ser portador do vírus não é a mesma coisa que ter AIDS, doença causada pelo HIV. Em síntese, quando o vírus invade o sistema imunológico, e caso não seja feito o tratamento com medicações específicas, poderão aparecer as doenças ditas oportunistas após algum tempo.

Muitas pessoas permanecem por anos sem apresentar sintomas ou doenças típicas, porém, transmitem o vírus por meio de **relações sexuais desprotegidas, compartilhamento de seringas e durante a gravidez e amamentação**, quando não são tomadas as devidas medidas de prevenção.

Um retrato do HIV no Brasil

No Brasil, dados indicam queda no número de casos de infecção por HIV nos últimos anos. Desde 2012, a taxa de detecção da doença vem diminuindo, graças a constantes campanhas educativas e a ações como o acesso à testagem e o início imediato do tratamento em caso de diagnóstico positivo, repercutindo também na redução do número óbitos.

O Brasil é referência mundial nos avanços e na acessibilidade ao tratamento da doença **de forma gratuita** para todas as pessoas, além de avançar em testes diagnósticos e pesquisas científicas sobre o tema.

A importância do diagnóstico precoce

Dados indicam que em 2019, cerca de 135 mil brasileiros não conheciam seu diagnóstico. Porém, hoje esse número está em menos de 100 mil, apresentando impactos na redução da mortalidade por AIDS e na transmissão tanto do HIV, quanto da sífilis e das hepatites virais.

Atualmente, cerca de 920 mil pessoas vivem com HIV no Brasil e 642 mil fazem tratamento com medicamentos antirretrovirais, diminuindo as taxas de transmissão por terem atingido carga viral indetectável.

Sem dúvidas, a busca pelo diagnóstico e tratamento imediato da doença, além do uso de preservativo nas relações sexuais, são hoje medidas simples, porém de extrema importância no contexto da doença. Ao se iniciar o tratamento o mais rápido possível, evita-se o adoecimento pela AIDS e o vírus permanece indetectável, o que dificulta muito a sua transmissão.

Início dos anos 80

- O HIV e as manifestações da AIDS se destacavam nos noticiários, indicando o surgimento de uma epidemia que acometia de forma indiscriminada anônimos e famosos.
- Governos e especialistas dedicavam muito tempo e recursos para decifrar como era a transmissão da doença e qual o tratamento.

Década de 90

- Até 1995, as pessoas morriam em aproximadamente cinco meses após o diagnóstico, que às vezes levava um mês para ser liberado. Hoje, o resultado sai em 15 minutos e a sobrevivência de um paciente é a mesma de uma pessoa que não é portadora do HIV.
- No início da epidemia, as mortes ocorreram devido à falta de tratamento efetivo, algo que começou a mudar em 1996, com a descoberta de medicamentos antirretrovirais, que controlam a multiplicação do vírus.

Até o fim de 2020

- Cerca de 75 milhões de pessoas já foram infectadas e 33 milhões morreram em consequência de complicações da AIDS, segundo o Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS).
- 1,5 milhões de pessoas foram infectadas recentemente por HIV e 690 mil morreram de doenças relacionadas à AIDS em 2020.

Como o HIV é transmitido?

Ocorre quando...



Ato sexual **sem** preservativo (vaginal, anal e oral).



Compartilhamento de seringas.



Da mãe infectada para seu filho durante a gravidez, no parto e na amamentação.



Instrumentos que furam ou cortam não esterilizados.

Não ocorre quando...



Sexo **com** uso de preservativos.



Beijo no rosto ou na boca.



Suor ou lágrimas.



Picada de inseto.



Aperto de mão ou abraço.



Sabonetes, toalhas ou lençóis.



Talheres ou copos.



Piscinas e banheiros.



Doação de sangue.



Pelo ar.

Cuidados para evitar uma nova epidemia

Após quarenta anos desde que os primeiros casos de AIDS, o HIV ainda é uma preocupação global, visto que o mundo está longe de cumprir o compromisso compartilhado de acabar com a AIDS até 2030.

Além disso, as desigualdades estruturais que limitam soluções comprovadas para a prevenção e tratamento do HIV arriscam até mesmo um retorno da epidemia, pois poucos países são como o Brasil em relação à política de enfrentamento ao vírus.

O programa brasileiro de enfrentamento ao HIV/Aids é um importante instrumento que garante diminuir as desigualdades econômicas, sociais e culturais. A maioria das mortes se deve ao diagnóstico tardio e ao abandono do tratamento, mesmo com a disponibilização dos medicamentos gratuitamente e com o aumento de campanhas e postos de testagem.

Alerta para os jovens

- A maior concentração de casos de AIDS está entre os jovens, de 25 a 39 anos, de ambos os sexos;
- Já entre as gestantes, a concentração está entre jovens de 20 a 24 anos, porém, o aumento na taxa de detecção de HIV pode ser explicado pela amplitude dos testes diagnósticos no pré-natal e a melhoria na prevenção da transmissão vertical do HIV, isto é, quando ocorre durante a gestação, o parto ou amamentação;
- Entre 2015 e 2019, houve redução de 22% na taxa de detecção de AIDS em menores de 5 anos. Tal medida nesta faixa etária é um indicador para o monitoramento da transmissão vertical do HIV;
- A maior vulnerabilidade dos adolescentes ao HIV é uma tendência global. Estima-se a existência de mais de 2 milhões de adolescentes e jovens adultos (15-24 anos) infectados no mundo;
- Esse grupo caracteriza-se como o único em que a taxa de infecção continua a aumentar, com um risco relativo 50% maior em relação às outras faixas etárias. ■